

Fórum Permanente de Promoção da Igualdade Racial faz reuniões com a ONU no Brasil

A Década Internacional de Afrodescendentes da ONU foi o tema principal das reuniões do Fórum Permanente pela Promoção da Igualdade Racial (FOPIR) com o Sistema das Nações Unidas no Brasil. Encontros ocorreram em 11 de maio, em Brasília. Organismo apresentou aos dirigentes das agências da ONU as atividades dessa recém-criada coalizão da sociedade civil, que foi estabelecida em novembro do ano passado para combater o racismo e o sexismo.

[\(Nações Unidas, 16/05/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

O FOPIR também se reuniu com o Grupo Temático de Gênero, Raça e Etnia das Nações Unidas, liderado pela representante da ONU Mulheres no Brasil, Nadine Gasman. Durante o encontro, a diretora lembrou a inclusão dos direitos das mulheres negras no último documento da 61ª Sessão da Comissão da ONU sobre a Situação das Mulheres (CSW), realizada em março deste ano. Segundo Nadine, a menção foi um resultado da participação de brasileiras negras no fórum intergovernamental.

“A declaração final da CSW reitera a responsabilidade de os Estados-membros da ONU desenvolverem políticas para as mulheres com recorte racial, incluindo o empoderamento econômico das mulheres negras, além da janela de oportunidade que a Década Internacional de Afrodescendentes traz para os esforços políticos para a eliminação do racismo e da discriminação racial”, considerou a representante da ONU Mulheres.



Integrantes do FOPIR com parte do Grupo Assessor de Gênero, Raça e Etnia da ONU Brasil. Foto: UNFPA/Ana Cunha

Maria Aparecida Bento, do FOPIR, pediu alertou os desafios que ainda impedem o acesso pleno da população negra a empregos e capacitação. “É

preciso abrir o mercado de trabalho para as mulheres negras, que estão se qualificando e encontram um mercado de trabalho ainda fechado. Nesse sentido, queremos saber como os Princípios de Empoderamento das Mulheres estão incorporando a dimensão racial”, questionou.

“Sobre a juventude negra, vimos melhoria nos indicadores na área de educação. Contudo, maior evasão e desempenho mais baixo são variáveis que não mudaram nos últimos 15 anos”, acrescentou.

ONU à disposição para ajudar governo brasileiro

Durante o encontro, a gerente de programas da ONU Mulheres, Ana Carolina Querino, salientou o Marco de Parceria para o Desenvolvimento Sustentável 2017-2021, estratégia que foi desenvolvida com o governo brasileiro e que tem como eixos transversais o enfrentamento ao machismo e ao racismo.

Segundo a especialista, um dos focos prioritários do Grupo Temático de Gênero, Raça e Etnia da ONU no Brasil é fornecer assistência técnica para garantir que o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável pelo país incorpore a perspectiva racial.

Desigualdades

O FOPIR é uma coalização de organizações antirracistas que tem como propósito promover um debate amplo e democrático pelo fim do racismo e do machismo. A defesa de políticas voltadas para a igualdade de gênero e racial também é uma das pautas do movimento. Um dos focos do Fórum são os problemas enfrentados pela juventude e pelas mulheres negras.

Em dezembro de 2016, logo após ter sido lançada, o FOPIR teve uma audiência na Casa da ONU, em Brasília. Durante a reunião, entregou o documento Análise de Conjuntura do Estado brasileiro e as desigualdades sociorraciais no século XXI.

Conheça os integrantes do FOPIR: <http://fopir.org.br/participantes>.

Conheça a 1ª defensora dos Direitos das Mulheres Negras no mundo, eleita pela ONU Mulheres

Ela é atriz, escritora, youtuber, feminista e militante do movimento negro. Agora, foi eleita pela ONU Mulheres Brasil a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras no mundo.

[\(Huffpost Brasil, 16/05/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Kenia Maria, ao lado de Juliana Paes e Camila Pitanga, faz parte de um grupo comprometido em promover a igualdade de gênero e a eliminar a violência contra as mulheres ao redor do mundo.



REPRODUÇÃO

Kenia Maria é a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras no mundo.

A iniciativa da ONU foi criada em 2010 e o papel de Kenia será apoiar os organismos intergovernamentais a pensar o papel da mulher negra na formulação de políticas e padrões que regem a nossa sociedade.

“Tenho fortes razões para acreditar que mudanças estão por vir e para mim é uma honra ser uma das defensoras desta causa. **Na verdade, o nosso pedido é muito simples: que a sociedade nos trate como humanas.** Sinto uma enorme alegria e satisfação em saber que a ONU Mulheres, juntamente com a Década Internacional de Afrodescendentes das Nações Unidas, tem em sua agenda o objetivo de mobilizar a sociedade para que a enorme demanda das mulheres negras seja ouvida”, declarou em seu primeiro pronunciamento como defensora.

Com o novo cargo, o primeiro objetivo da militante é debater a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Para ela, apesar de existir, a lei não é efetiva.

“É importante ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas”, explica.

Se hoje Kenia é porta-voz de uma das mais importantes instituições em defesa dos direitos humanos é porque há muita luta e resistência em suas raízes.

Vinda de uma família de militantes do subúrbio do Rio de Janeiro, seu nome é uma homenagem ao país africano e ela participa de movimentos sociais desde os 13 anos. Foi a sua mãe que a introduziu no resgate de sua ancestralidade e aos 18 anos a sua militância ganhou novos sentidos ao participar da fundação AfroReggae.

Há quatro anos, com apoio do marido e dos filhos, ela criou o canal no Youtube Tá Bom Pra Você em que questiona o racismo presente no cotidiano de forma leve e bem humorada.

Um dos quadros, por exemplo, é recriar peças publicitárias para chamar atenção da falta de representatividade negra nas publicidades.

Em 2016, Kenia participou do “TEDxSãoPaulo - Mulheres que inspiram”. No início de sua palestra, ela pede para que o público feche os olhos e imagine um príncipe e uma princesa. Depois, ela questiona quantas pessoas imaginaram os personagens negros.

“Eu confesso que até hoje faço esse teste e não consegui desconstruir essas imagens que a minha mente reproduz. A pergunta que eu faço é se o que você vê quando fecha os olhos é um mundo que você quer, que você imagina. Tá bom pra você?”.

As mulheres negras no Brasil são 55,6 milhões, 41,1% delas são chefes de famílias, de acordo com os dados de 2015 extraídos do Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça.

Em cada três mulheres presas, duas são negras num total de 37, 8 mil detentas - de acordo o Infopen Mulher.

E entre 2003 a 2013, houve um aumento de 54% no número de assassinatos de mulheres enquanto houve redução em 10% na quantidade de assassinatos de mulheres brancas.

Quando se trata de mercado de trabalho, no quadro diretivo das maiores empresas no Brasil, as negras são apenas 0,4% das executivas.

E é por isso que, diante desses dados, a ONU Mulheres Brasil quer enfrentar o racismo por meio da estratégia “Mulheres Negras rumo a um Planeta 50-50 em 2030”.